

Matéria das Astúrias

Ritmos e realizações da expansão asturiano-leonesa no actual centro de Portugal (séculos VIII-X)

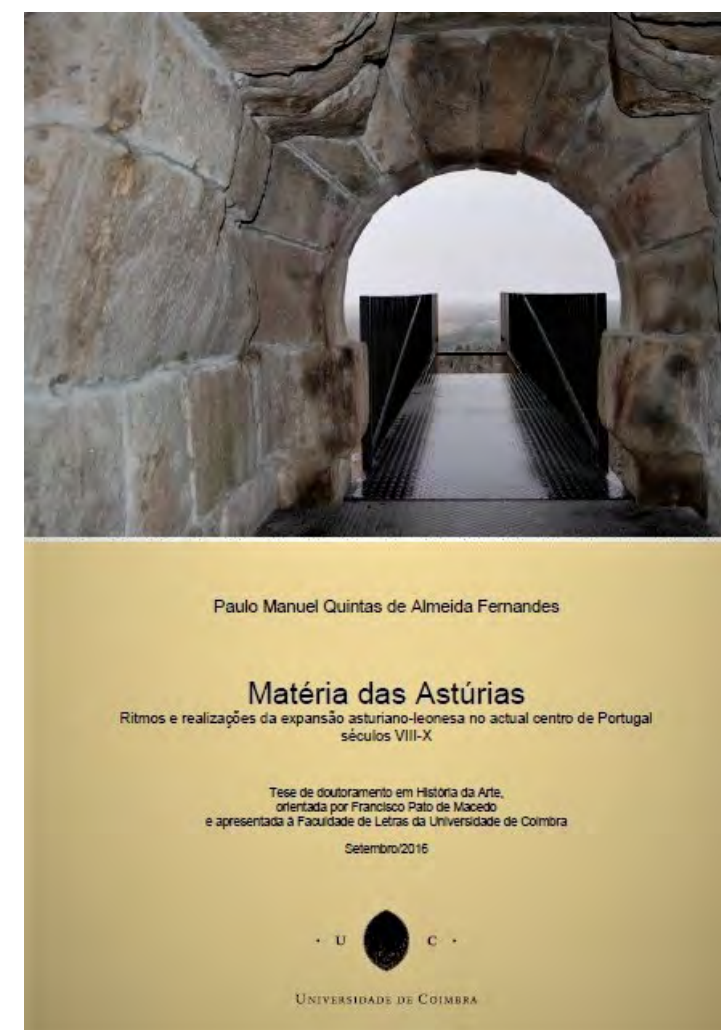
Paulo Almeida Fernandes | CEAACP - Universidade de Coimbra | Colaborador do Instituto de Estudos Medievais (Universidade Nova de Lisboa) | Professor Auxiliar convidado do Departamento de História da Arte da Universidade Nova de Lisboa

Matéria das Astúrias é um estudo sobre os vestígios materiais que se podem associar à expansão asturiana e leonesa numa geografia e num tempo concretos: a vasta região entre os rios Douro e Mondego, e um período de cerca de 150 anos, entre meados do século IX e os finais da centúria seguinte.

A tese de doutoramento em História da Arte, orientada por Francisco Pato de Macedo (Universidade de Coimbra) e defendida em 2017, organiza-se em duas partes.

A primeira é dedicada ao tempo que decorre entre a invasão muçulmana de 711 e os primeiros indícios de colonização asturiana, rastreáveis a partir de meados do século IX. Entre a renúncia das autoridades de Córdoba e a incapacidade de integração das primeiras vagas expansionistas asturianas, o território genericamente situado entre os rios Douro e Mondego formou uma terra de ninguém, uma de várias que terão existido naqueles primeiros tempos de convívio entre cristãos (asturianos, residuais ou moçárabes), muçulmanos e berberes. Neste complexo cenário, formaram-se comunidades autárquicas, paulatinamente integradas nas estratégias de expansão territorial asturiana e leonesa.

A segunda parte é dedicada a um território específico: a extensa área que tem como centro a cidade de Viseu, e que se estende até aos rios Douro, Mondego e Vouga, e ainda à Beira Alta. A unidade territorial desta ampla geografia não é hoje verificável, mas, entre os finais do século IX e os meados da centúria seguinte, foi aqui que se instalou uma fação asturiana particularmente ativa. Encabeçado por Bermudo Ordóñez, irmão rebelde do rei Afonso III, o grupo liderou este território e patrocinou a ação de entidades religiosas também ali estabelecidas, como os titulares da catedral episcopal de Viseu, ou os numerosos mosteiros que foram também agentes de transformação da paisagem.

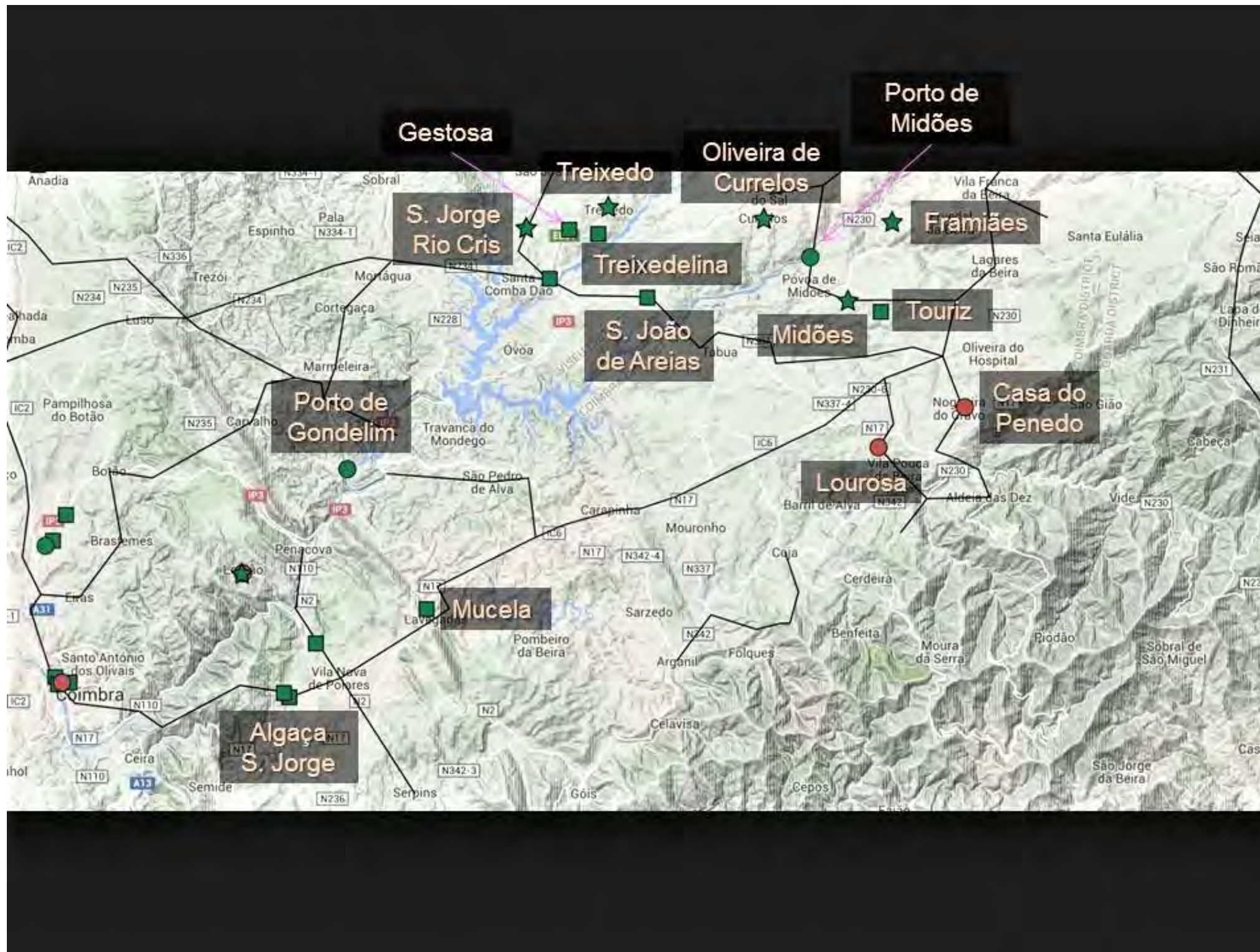


[Disponível aqui.](#)

Este grupo, já estudado por Manuel Luís Real, não foi o primeiro a instalar-se nesta área, mas foi aquele que promoveu a mais coerente organização asturiana do território. Os filhos de Diogo Fernandes, nobre asturiano que acompanhou Bermudo no seu exílio, desfrutaram de grande protagonismo na região: Ximeno Dias e Mumadona Dias alcançaram o estatuto condal, em Coimbra e em Portucale, respetivamente, enquanto Leodegúncia Dias e Múnia Dias estabeleceram-se em setores vitais para a sobrevivência deste grupo. Foi graças à intervenção destas últimas nobres, e respetiva famílias, que se criou a linha defensiva face a Leão na Beira Alta, entre os castelos de Trancoso e Numão, e que se formou uma área fortemente marcada por igrejas e mosteiros, ao longo do rio Alva, que contextualiza o aparecimento da igreja de Lourosa, epigraficamente datada de 912 e face mais visível desta tão rápida e radical expansão de agentes asturianos pelo atual centro de Portugal.

Pé de altar asturiano da igreja de São Pedro de Balsemão, Lamego. Foto José Pessoa, 2013.





Vestígios materiais (a vermelho) e referências documentais a construções (a verde), na zona do rio Alva, durante os séculos IX e X. Implanta-se também a rede viária romana da região, a partir do site www.viasromanas.pt





Torre de menagem do castelo de Trancoso (à esquerda).

Fachada principal da igreja de São Pedro de Lourosa, antes do restauro.
Foto Marques Abreu (à direita).